

# Notícias Verificação, responsabilização, penalização

27/3/81 (Friday)

— princípio de trabalho definido pelo Presidente Samora Machel, na reunião da Beira

Reunindo com quadros das estruturas provinciais de Sofala, no primeiro dia da sua visita à Beira, o Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel, proferiu de improviso, um importante discurso sobre o significado da Ofensiva Política e Organizacional — desencadeada, há mais de um ano, naquela mesma cidade da Beira.

Reproduzimos a seguir o texto integral do referido improviso para o qual chamamos a especial atenção dos nossos leitores:

«A nossa luta económica é definida como uma guerra prolongada, dividida em várias fases, e subdividem-se essas fases em tarefas imediatas, a curto prazo e a longo prazo. Mas essas fases e essas tarefas subdivididas têm, todas elas, um carácter permanente — carácter permanente não significa carácter rotineiro. Cada fase introduz inovações, cada fase introduz novos fenómenos. Nós queremos compreender o fenómeno de cada fase, queremos compreender as características de cada uma das tarefas. Para cada uma das tarefas é necessário que nós organizemos, nos planifiquemos e definamos com clareza, com correcteza, de que dispomos — o que significa meios humanos, meios materiais, significa capacidade de realização, eficiência, rapidez e responsabilidade. É necessário que, na realização das nossas tarefas, produzamos um novo estilo de trabalho, que rectifiquemos em cada momento o nosso estilo de trabalho. É necessário que analisemos cada passo que damos, e se esse passo é seguro ou não. É necessário que analisemos as pequenas e as grandes realizações: aquelas que constituem vitórias, para serem consolidadas; aquelas que constituem fracassos, para estes serem eliminados.

O Comité Central da FRELIMO, na sua VII Sessão, definiu a Ofensiva Política e Organizacional como um método científico, como uma conquista do Povo moçambicano e que deve, por isso, ter um carácter permanente. Definiu que a Ofensiva não é um vento que sopra e passa, é um vento que sopra permanentemente. Quando sopra, selecciona quadros, tem um carácter formativo, tem um carácter purificativo. Formativo e purificativo. Dois processos ao mesmo tempo — processo de assimilação das ideias correctas, dos métodos correctos; e processo de rejeição das ideias erradas, das cargas impuras.

Trouxemos aqui várias estruturas, para analisar: primeiro, o grau de realização da primeira fase da campanha, repito, da primeira fase da campanha da Ofensiva Política e Organizacional. Tem duas formas a Ofensiva Política e Organizacional: a primeira é a forma de campanha; a segunda é a forma permanente. Em certos momentos, tem uma forma de campanha, mas os objectivos devem ser claros. Portanto, queremos ver, o grau de realização, o grau de crescimento de consciência de cada um, o nível de responsabilidade de cada um no seu sector respectivo. E, o esforço realizado na interdependência entre os sectores, no processo colectivo. Tem características bem nítidas, a Ofensiva Política e Organizacional: consolidar o poder político popular, primeiro objectivo. O Povo exerce o poder. Consolidar a Revolução, consolidar a defesa dos interesses do Povo, consolidar na nossa área o Socialismo, o Homem Novo, produto da Revolução. Consolidar as transformações profundas das mentalidades. Objectivo da Ofensiva: libertação económica mas, antes de tudo, acto de libertação de cada um de nós.

Ela encontra obstáculos. Quem são os obstáculos a estes objectivos? São os agentes infiltrados, os sabotadores. Então estes agentes transformam-se em alvo da Ofensiva Política e Organizacional. A Ofensiva não é um processo de perseguição. Nós viemos à Beira porque é daqui que nós desencadeamos a

Ofensiva. Queremos constatar o avanço, queremos ver com olhos de ver o que fizeram os quadros da Beira, da província de Sofala. A cidade da Beira não é a imagem da província de Sofala. Ir e voltar da Beira, não é ir a Sofala, é apenas ir à Beira. Portanto não se fica com o conjunto do que é a província de Sofala, das suas especificidades. Viemos com um dos nossos grandes métodos de trabalho: verificação, sublinhem bem, verificação, agudização da consciência de cada um; e penalização. São duas faces de uma mesma moeda.

O Plano Estatal define com clareza, com nitidez, o que deve ser feito em 1981. São os homens que devem realizar, homens conscientes. Define, nas suas grandes linhas, os produtos estratégicos para exportação. E esses produtos estratégicos existem ou não na província de Sofala? Que é feito desses produtos? Temos consciência de que eles são os produtores de divisas, que geram divisas para o nosso Povo, para melhorar a nossa vida? Temos consciência? Em segundo lugar, definem os produtos estratégicos para o abastecimento do Povo. Produzimos ou não para abastecer o Povo? Mas viveremos importando? As nossas inteligências são para quê? As nossas mãos são para quê? A nossa energia é para quê? A nossa determinação é para quê? A nossa coragem é para quê? Verificação, responsabilização, prestação de contas, penalização.

Pedimos ao Sr. Ministro do Interior e Ministro Residente em Sofala, para trazer os quadros. Estão aqui. Começando pelo distrito, que foi definido como a base territorial para a planificação da nossa economia.

É por isso que estão aqui. O segredo está lá no distrito, é o conjunto desses distritos que forma a nossa Província. Têm eles consciência? Define-se que o camarão é um produto estratégico para exportação, para obter divisas. Quanto ao peixe, produzimo-lo ou não?

Beira é beira do mar. Mas é preciso importar, o peixe para alimentar a população da Beira. Há rios que provocam inundações, existem lá grandes quantidades de peixe, mas é preciso importar o peixe para alimentar a população de Sofala, a população da Beira. Há vários distritos que têm criação de gado mas não há talhos. E na cidade da Beira não há carne para vender. É preciso importar carne para vir alimentar a província de Sofala. A cidade da Beira, transformou-se em parasita.

Camarão: O Zimbabwe independente, o Malawi independente, podem comprar-vos todo o peixe, todo o camarão para vocês terem divisas. Podem-vos comprar todo o sal que produzem aqui. Mas não! Estão à espera que tudo venha de fora. Temos os portos, temos os caminhos de ferro, grandes fontes de divisas para o País. Utilizamos correctamente as vias rodoviárias que vão para outros países, vias internacionais? Cuidamos dessas vias? Nós, administradores, abrimos novas picadas para permitirmos a passagem do tractor, do camião, que trazem as mercadorias e escoam os produtos do camponês? Fazemos isso?

Gera-se um ambiente de luta intestina e abandona-se o inimigo, o combate ao inimigo verdadeiro. Há falta de coordenação — coordenação de todos os

sectores económicos e sociais. Ignoramos o que se passa em cada uma das escolas, vivemos no entanto na Cidade, mas não sabemos a vida da escola. Mas somos do Governo. Ignorar a escola, é inconsciência, ignorar a escola já é crime, pois é lá onde está o segredo do Homem Novo. É lá onde está o segredo para o exercício do poder do Povo. O funcionamento do hospital distrital, do posto sanitário, de uma maternidade — é lá onde é cuidada a nossa saúde e tratada a nossa vida. É um todo inseparável. Não há defesa da economia, construção da economia, sem a ciência, sem a escola. Não há força muscular, força intelectual, energia, sem boa saúde. Não há progresso sem a ciência, tudo tem de ser, organizado cientificamente.

Estão definidos os sectores estratégicos. Mas conhecemos o seu estado actual, o seu estado em cada momento, a sua capacidade em cada mês, em cada semana, conhecemos o estado desses sectores estratégicos? Para controlar é preciso dirigir primeiro, e para dirigir é preciso conhecer. Não se dirige o que se não conhece e não se controla sem dirigir. Estes são os grandes objectivos da nossa Ofensiva, por isso podemos dizer permanente, tem um carácter permanente e às vezes toma a forma de campanha.

E agora passaremos a ter inspecção. De três em três meses, inspecção. Cada Província deve ser inspecionada para apurarmos as responsabilidades, e as irresponsabilidades também. Para descobirmos a incúria, os negligentes, os irresponsáveis, os corruptos, os colaboradores directos do inimigo, os destruidores da nossa economia. Em todo o nosso País, de três em três meses, inspecção. Começamos agora — é o primeiro trimestre, estamos a 25 de Março — e voltaremos.

Por isso vieram aqui responsáveis ao nível nacional de vários sectores: Portos e Transportes, Ministério do Comércio Interno, Ministério do Comércio Externo, Ministério da Defesa Nacional, Ministério da Segurança, Ministério do Interior, Ministério da Indústria e Energia, Secretaria do Estado das Pescas.

Veio também o Partido. É preciso organizar o Partido porque o Partido é o comando central, é o cérebro. É preciso organizarmos o Partido ao nível da Província, ao nível do Distrito, para dirigir o Aparelho do Estado e a sociedade, para dirigir a economia do País. Prioritariamente, organizar o Partido para dirigir o Aparelho do Estado.

Trouxemos a Organização da Mulher Moçambicana, trouxemos a Organização da Juventude Moçambicana para a Beira.

Iremos até ao Distrito. Cada saco que não é evacuado, cada saco de algodão que não é escoado, alguém tem de responder, cada vagão que se perde alguém tem de responder, cada acidente de locomotiva, cada acidente de viação, alguém tem de responder. O girassol do camponês que não sai — alguém tem de responder. Vinte quilos de milho do camponês que os quer trocar por mercadorias, mas não é comprado — alguém tem de responder. A paragem de uma fábrica por alguns minutos ou uma hora — alguém tem de responder, tem de pagar por isso. A paralisação de qualquer fábrica ou qualquer sector produtivo — alguém tem de responder. Por isso, como método de trabalho, todos os companheiros que vêm da estrutura central vão-se reunir com as estruturas provinciais em breve para delinear primeiro quais são os sectores que devem ser atacados.

Primeiramente, sectores estratégicos de exportação e produtos estratégicos para abastecimento do Povo, e então veremos outros sectores económicos. Sobre tudo aqueles sectores que dependem directa-

mente do Conselho de Ministros, ou dependem directamente do Governo Provincial.

Vão delinear os sectores sociais que são considerados vitais, porque são eles que produzem para os sectores económicos. Sem a Educação não temos quadros. Há aqui sectores sensíveis, como a Lei e a Ordem. A legalidade revolucionária é respeitada ou não? Isto significa ver se a Constituição da República Popular de Moçambique é respeitada, em Sofala e em particular na Beira. Senão, há o abuso do poder, a prepotência, a arrogância que leva o Povo a estar marginalizado do processo do exercício do poder. E o poder fica nas mãos de um punhado que, em nome do Governo, em nome do Estado, satisfazem os seus interesses pessoais, utilizando o nosso poder.

Há sectores de Segurança do Estado. O Povo participa ou não? Até que ponto? Participam através das milícias, dos grupos dinamizadores, dos grupos de vigilância popular?

Analisaremos o papel da Juventude na reconstrução nacional. Qual deve ser o seu papel, não só em Sofala, mas em todo o nosso País.

Veremos o papel decisivo da mulher como mãe, como factor fundamental da sociedade. Qual é o seu papel neste momento para a defesa da nossa economia?

Nós declaramos guerra ao inimigo interno mas, em certas zonas do País, há perturbações. Qual é o nosso papel? Os bandidos são acolhidos. Bandidos armados, vagabundos, elementos que destroem a economia, destroem a vida do nosso Povo. Desestabilizam a nossa soberania, violam a integridade territorial. Porque é que eles encontram uma base social? Quais as causas? Temos de as ver, assim como veremos as causas do não cumprimento das tarefas, as causas essenciais.

É por isso que trouxemos estas estruturas todas. Reestruturar a província de Sofala, é a tarefa prioritária. No centro do nosso País, estabelecer a tranquilidade e o sossego, a vida normal. Em primeiro lugar, na capital, e depois toda a Província.

Defendemos assim a nossa economia que é atacada pelo imperialismo. As agressões não estão isoladas dos bandos armados que estão em Sofala e em Manica, preparados pelo antigo regime do vagabundo Ian Smith. Eles foram recuperados, hoje, pela África do Sul. Enquanto existia a Rodésia eram a «África Livre», hoje são a «Resistência Nacional». Não há «Resistência» sem África do Sul. Quando falamos da «Resistência», falamos do ataque directo da África do Sul. Ela é uma parte do exército da África do Sul. São bandos seus armados em Moçambique. Vamos desalojá-los o mais rapidamente possível em todos os sectores, em todos os lugares. Nas montanhas, nos rios, vamos desalojá-los. Por isso viemos para aqui. Com todos os nossos meios de fogo, de poderio, com toda a nossa ciência militar, iremos desalojá-los. A partir daqui onde estamos... Primeiro, os bandidos. A Ofensiva é contra o inimigo interno. Mas contra os bandidos armados usaremos todo o nosso poderio de fogo, toda a nossa política, todo o nosso Povo, toda a nossa Juventude, todas as nossas mulheres. Temos que escorraçá-los do nosso território! Prendê-los e puni-los severamente; são criminosos!

Foi isso que nos trouxe à província de Sofala. Viemos para trabalhar convosco, conhecermos bem os problemas da Província e resolvê-los em conjunto. Não podemos dizer que o nosso corpo está são quando uma parte tem uma pequena ferida a qual por mais pequena que seja, afecta o organismo inteiro.

Muito obrigado.»